

São Paulo: novas formas de vizinhança

Marcelo Carnevale

Universidade de São Paulo

Contato: mcarnev69@gmail.com

Coisas acontecem simultaneamente, numa intensidade inimaginável na cidade de São Paulo. Algumas barulhentas, explícitas, retratam a condição de megalópole. Outras sutis e imperceptíveis aos olhos dos que estão condicionados à dinâmica que alterna excesso de trabalho e recolhimento egoísta. Mas, entre o ambiente dos integrados e o mundo dos segregados, existem paralelismos e alguns encontros surpreendentes.

Enquanto uma família da classe média estabelecida na capital cumpre uma rotina padrão, tal qual: casa, crianças na escola, trabalho, retorno da escola, casa, no mesmo período dessa jornada de 24 horas, segundo dados publicados pelo jornal O Estado de São Paulo, em 30 de agosto de 2016, 192 pessoas chegam na cidade em busca de oportunidades.

A variedade dos perfis dos recém-aportados abarca uma gama que inclui do executivo transferido pela lógica do capitalismo global (que, rapidamente, vai inseri-lo no consumo de serviços como educação, lazer e saúde) ao migrante que pede auxílio à Fundação Cáritas, organismo da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil. Esses chegam sem nenhum tipo de garantia de permanência e, talvez, nem consigam se estabelecer.

Variedade de vivências no desafio da escala que se impõe a todos. Afinal, falamos da capital mais populosa do país que ultrapassou os 12 milhões de habitantes, conforme estimativa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2016.

Questões relacionadas ao direito da infância e da juventude, à mobilidade urbana e ao descarte dos resíduos sólidos, também fazem parte das dificuldades gerais de ocupação do espaço público, sem exceção.

Situações recorrentes como as enchentes de verão, por exemplo, podem atingir subitamente as casas

dos moradores do Jardim Romano, zona leste da cidade, ou serem lembradas pelas placas que alertam motoristas sobre os alagamentos recorrentes, como os do bairro da Pompéia na zona oeste.

São partes de um mesmo território e sofrem com a urbanização que, historicamente, escondeu os rios sob o asfalto. Na hora da tempestade, alaga a zona leste pobre e a zona oeste rica.

Se imaginarmos um temporal caindo sobre essa vizinhança com 12 milhões de pessoas na urbe, entre desabrigados e protegidos da intempérie, a situação pode variar muito: encontramos as barracas disponibilizadas para os moradores de rua, passando pelas marquises de antigos prédios do centro, chegando aos condomínios residenciais ou empresariais – nos quais o isolamento parece deixar a chuva mais difusa, delicada e distante. Nesses últimos, a água quase nunca molha alguém.

Entretanto, as enxurradas sempre alteram os fluxos dos rios canalizados e promovem um tipo de conexão. Todos são afetados de algum jeito.

As redes sociais, como outro tipo de fluido,



Espera.

assemelham-se na transposição de barreiras e permitem, por exemplo, que o coletivo de teatro do Jardim Romano amplie a divulgação do espetáculo *A Cidade dos Rios Invisíveis* para muito além da rede local.

A internet possibilita uma aproximação desse teatro da periferia com o sujeito que se submete ao mais forte esquema de vigilância, numa área nobre da cidade. A partir do convite compartilhado, ele toma ciência do trabalho na comunidade e decide conferir pessoalmente ou não.

Tipo de intercâmbio que estreitou as distâncias e criou articulações inimagináveis, como o turismo ecológico na área de proteção ambiental (APA) Bororé-Colônia, arquipélago no extremo sul do município, distante 25 km do centro. Reúne a diversidade da Mata Atlântica e uma quantidade de rios e mananciais que contribuem para a formação das represas Billings e Guarapiranga, sendo a

primeira responsável pelo abastecimento de 30% da população da região metropolitana de São Paulo.

Outro exemplo foi o lançamento da cartografia afetiva do Quadrilátero do Pecado, mapeamento de todos os moradores do entorno da sede do Teatro do Povo do Faroeste, no bairro da Luz, área conhecida também como a Boca do Lixo: entre as avenidas Mauá, Ipiranga, São João e Duque de Caxias. Região central da cidade marcada pela presença de grupos marginalizados durante todo o século XX, com levas de ocupação que incluíram a presença de pretos, estivadores, prostitutas e, posteriormente, reduto do cinema independente brasileiro nos anos 1960 e 1970.

Ecoturismo, teatro, bazares, música... São várias as conexões que permitem o entendimento e o reconhecimento de um novo padrão espacial (virtual ou real) como lugar.

“Em realidade, não há apenas novos objetos, novos padrões, mas igualmente, novas formas de ação. Como um lugar se define como um ponto onde se reúnem feixes de relações, o novo.”

(SANTOS, 2006, p. 62).

Repensar a noção de vizinhança inclui abolir fronteiras físicas para lidar com múltiplas narrativas. Se avizinhar pode representar esse tipo de deslocamento improvável (do morador do condomínio rumo ao espetáculo na periferia), mas, sobretudo, através desse novo fluxo que mistura o presencial com o virtual revelar camadas históricas, paralelismos, encontros e compartilhamento dos mais variados enredos da arena paulistana.

Dos coletivos de periferia aos grupos ligados às questões ambientais, passando pelos que se engajam como representantes da sociedade civil no planejamento urbano, a possibilidade da soma dos saberes formais e populares traz à tona o resgate do valor comunitário e novas formas de solidariedade.

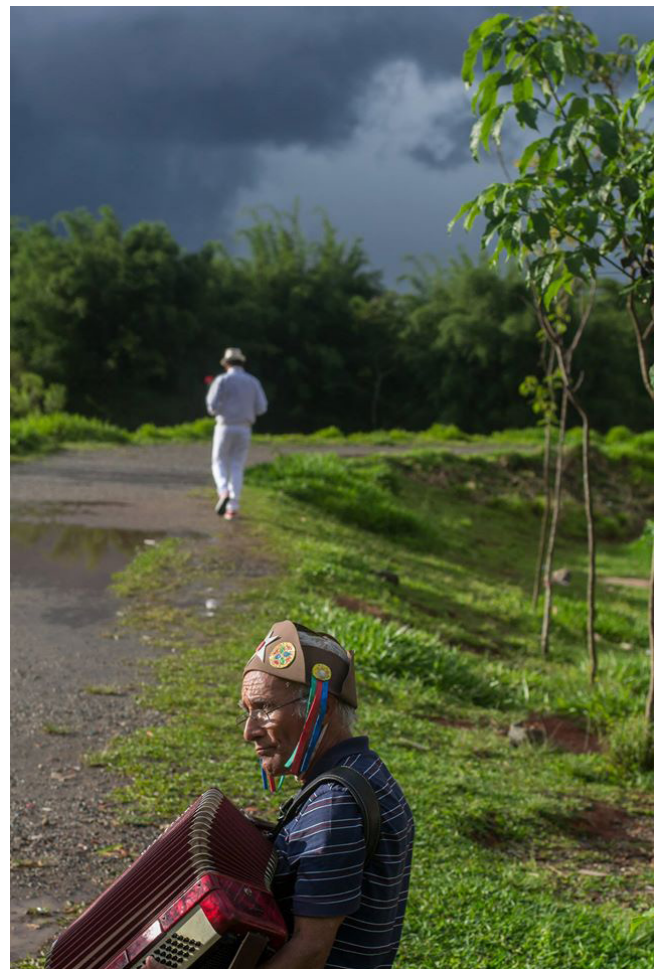
Essas comunidades se apoiam também em tradições e hábitos populares (especialmente de origem real) que resistiram ao processo de urbanização e modernização, mas elas não são uma simples reprodução de relações sociais pré-modernas. Como observa muito pertinentemente Harvey Cox, essas comunidades contêm aspectos de escolha individual tipicamente modernos, o que produz novas formas de solidariedade que nada têm a ver com as estruturas arcaicas tribais ou vilarejos. Por esse aspecto moderno, podemos considerá-los agrupamentos voluntários modernos, no sentido que Jean Séguy dá a esse conceito, quer dizer, agrupamentos dos quais os membros participam por livre e espontânea vontade e que visam (implicitamente) mudar – de maneira ao menos optativamente radical – os sistemas globais existentes (LÖWY, 2015, p. 218).

Ao pensarmos em escolhas individuais como

possibilidade de novos feixes de relações no espaço urbano, exercitamos uma aproximação intuitiva, acidental. O novo não se estabelece como novo em nenhum endereço, mas aparece/desaparece no caminho de quem está disposto a reinventar a cidade, o bairro, o pedaço e a se repensar como sujeito coletivo.

Dois situações na Vila Madalena, zona oeste da cidade, colaboram para experimentar esse fluxo ora visível, ora invisível: recentemente, a artista plástica Regina Parra expôs na galeria Millan, sob curadoria do pesquisador da Fundação Nabuco, no Recife, Moacir dos Anjos.

O conjunto dos trabalhos atraiu pela provocação



Seu Vital, Seu Zé.



explicitada na pergunta que nomeou a exposição: Por que tremes, mulher? Verso de poema de Castro Alves que descreve o temor de uma mulher escravizada de que lhe roubem o filho ainda pequeno para ser vendido.

Na mesma região, composta por ladeiras numa topografia ondulada, outra cena: poucos pedestres se aventuram nas escadarias que cortam a parte alta da Vila Madalena ao cair da tarde.

Diariamente, esse caminho ganha um comércio matutino de ambulantes para alimentar os trabalhadores que prestam serviços no bairro. A oferta de café da manhã inclui: barracas de tapioca, bolos caseiros, pão com manteiga, café na garrafa térmica e um tanto de conversa.

No final do dia, o retorno pelo mesmo trajeto é muito diferente. Não conta com o comércio efêmero e se dá de maneira dispersa na hora do lusco-fusco. O esvaziamento da via provoca uma tensão entre as mulheres que necessitam fazer esse percurso. Elas têm medo de assaltos nas escadarias que levam à estação do metrô.

Nas duas situações, nenhum desses atores mora no bairro: ambulantes, diaristas, artista plástica e curador. Eles transitam na mesma área de maneiras diferentes e compõem o retrato dessa vizinhança improvável que ocupa e revela como se vive, o que se fala, o que não está posto.

Os que frequentam a Millan são chancelados pela identidade cultural projetada da Vila Madalena como bairro da boêmia, dos artistas e intelectuais. Estilo de vida que já sofreu mudanças consistentes com a chegada de novos moradores de alto padrão financeiro e que impuseram outra perspectiva: comércio de luxo, muitos carros e serviços de manobristas para estacionar.

Os que optam pelas escadas que levam ao metrô promovem outro tipo de ocupação, passam despercebidos pelas calçadas, geralmente prestam serviços domésticos, trabalham nos balcões de atendimento ou nas portarias de condomínio. Também são estudantes, jovens profissionais e os que escolheram a interação direta com o espaço público.

A inquietação de Regina nos devolve a possibilidade de repensar esse tão perto, tão longe das distâncias sociais e o que isso implica naquele lugar.

Um trabalho artístico que reverbera a condição dessas mulheres que se expõem na circulação pelas calçadas e, também, das que frequentam a Millan.

Ambas estão unidas pelo sentimento que transcende o status social e que se conecta sem distinção de classe.

“(..) é mais ambiente que ressoa incômodos difusos do que coleção de coisas de significados precisos. Considerando isoladamente cada um dos trabalhos expostos, não fica, logo evidente o que moveu para elaborá-los como conjunto. Desde o título interrogativo da mostra – Por que tremes, mulher? – há uma deliberada aposta na imprecisão do que é comunicado, como se apenas através da opacidade da linguagem empregada fosse possível falar claro. É somente quando se passa de um a outro deles que uma teia de sentidos vai sendo tramada em ricochete entre pinturas, desenhos, vídeos, texto e áudio”

(ANJOS, texto de abertura da exposição, 2016).

Podemos incluir as escadarias do bairro no conjunto tramado em ricochete descrito pelo curador. Essas

vias escapam ao espaço da galeria e, tal qual os rios soterrados por ruas e construções, transbordam uma invisibilidade insistente. O estranhamento aqui passa a ser o afeto comum a essas mulheres, independentemente de integradas ou não ao mainstream.

Tanto as diaristas que servem à classe média, como as estudantes, as balconistas e as frequentadoras das galerias de arte, experimentam algum tipo de situação que as oprimem como gênero.

São feixes de relações, lampejos que alumiam zonas obscuras que obedecem dinâmica similar à que promove o diálogo entre o real e o virtual.

Mesmo que a galeria não leve o conjunto dos trabalhos de Regina para a escadaria da Vila Madalena, de alguma forma, a aproximação já se deu na provocação proposta pela artista. Entre



o desejo de expor o medo como reflexão e a necessidade de enfrentá-lo na volta para casa, essas mulheres se avizinham sob o céu de São Paulo.

Referências bibliográficas

ANJOS, Moacir. Por que tremes, Mulher? Disponível em: www.reginaparra.com.br. Acesso em: 2016.

LOWY, Michael. Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade / Michael Lowy, Robert Sayre. São Paulo: Boitempo, 2015.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.